

RICARDO REIS E O IDEAL CLÁSSICO

Carl Youngblood • 17 de fevereiro de 1999

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendemos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida 5
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos. 10
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria, 15
E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranqüilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro 20
Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento –
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois 25
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu levares o óbolo ao barqueiro sombrio, 30
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim – à beira-rio.
Pagã triste e com flores no regaço.

Provindo da turbulência interior de Fernando Pessoa, que utilizava opostos para definir sua própria realidade, Ricardo Reis é um heterônimo criado em oposição à mística cristã da poesia saudosista que ganhava corpo em Portugal a partir do século XX. Em vez de propalar a filosofia da moda, Ricardo Reis é o campeão do classicismo, o ideal representante da “decadência” pagã romana que Pessoa denominou “Neopaganismo português” (Camocardi, 162).

Destaquemos alguns atributos típicos do paganismo que se acham nas odes de Ricardo Reis, particularmente aqueles que são mostrados nestes versos a “Lídia”. Primeiro, “como discípulo de Alberto Caeiro, Reis se inclina para a antiga crença nos deuses” (162). “Politeísmo, autodisciplina resignada contemplação e sentimento de limitação constituem os pontos essenciais de reconstrução do mundo na visão de Ricardo Reis” (163). Segundo, Reis utiliza recursos estilísticos para reforçar estes conceitos em sua poesia. Apela aos deuses da mitologia grega e romana, usa de nomes próprios femininos comuns para o classicismo, como Cloé, Neera e neste caso, Lídia. Os grandes heróis das epopéias gregas também aparecem em suas odes: Ulisses, Cecrops, Minos e Orfeu (165).

A efemeridade da vida é tema constante em todas as odes de Ricardo Reis. Ele se enquadra no perfil da filosofia estoica, que alega ser melhor passar a vida “sem desassossegos grandes”, procurando esquivar-se dos compromissos da vida cotidiana, como família, amor à pátria, etc. evitando assim tanto o alto prazer como a tristeza (linha 12). Se nos preocuparmos com coisas fora do nosso controle, como a morte, seremos miseráveis. Assim Reis começa seu apelo a Lídia convidando-a a aprender “que a vida passa”, e não há como mudarmos seu curso (linha 3).

Reis e sua companheira exemplificam a “inocência pagã”, sendo “crianças adultas”, preferindo desenlaçar as mãos a “trocar beijos e abraços e carícias” (linha 18). Sabem que os grandes prazeres inevitavelmente levam a baixos equivalentes, e preferem evitar tudo de vez.

Reis procura imitar a indiferença dos deuses, “ansiando por uma liberdade já alcançada por eles” (163): “Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz, / Nem invejas que dão movimento demais aos olhos, / Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria, / E sempre iria ter ao mar”. (linhas 13-16)

Ricardo Reis convida sua companheira a um amor tranquilo em que a moderação lhes permita contemplar tudo, vendo as coisas e “não crendo em nada” (linha 23). Colher flores, ouvir o rio e sentar-nos ao lado dele – não devemos esperar que a vida nos conceda mais do que isto. Fazê-lo seria abrir caminho ao desapontamento.

O poeta termina evocando a imagem mitológica do rio Estige, que os mortos cruzam para entrar no submundo, dando um óbolo (moeda) ao barqueiro que os leva. Ele lembra a Lídia a inevitabilidade da morte e invoca a resignação perante ela. Seja ele que morra primeiro ou ela, não fará diferença. Cada um levará uma suave memória do outro, porque não foram “mais do que crianças” (linha 28); isto é, não tiveram nenhum amor forte um pelo outro, e assim não sofrerão na partida. Afinal, Reis submete-se à vontade dos deuses, crente na futilidade de tentar opor-se às leis do universo. Apóia o ideal clássico – contenta-se em ser “pagão inocente da decadência” (linha 24).

Bibliografia

Camocardi, Elêusis Mirian. “Neoclassicismo nas Odes de Ricardo Reis”. *Revista de Letras*, São Paulo, vol. 30, pp. 161-171, 1990.

Pessoa, Fernando. *Obra Poética*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.